

# O Ensino de Artes Visuais Contemporâneas para Crianças de Pré-escola

**Letícia Britto**

Professora de Artes Visuais pela Prefeitura municipal de Pelotas (RS). Graduada em Artes Visuais Licenciatura pelo Instituto de Artes e Design (IAD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pós-Graduada em Artes Visuais - Especialização em Ensino e Percursos Poéticos da UFPel. Mestranda em Artes Visuais - Ensino da Arte e Educação Estética. Centro de Artes/UFPel. Tem experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Formação Continuada de Professores, ensino de Artes Visuais na pré-escola, Experiência Estética e Educação Estética.

**Resumo:** Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Artes Visuais da UFPel, que trata sobre o ensino de Artes Visuais Contemporâneas para crianças de pré-escola, utilizando-se das experiências estéticas e do lúdico nas oficinas ministradas pela pesquisadora em uma turma de pré-escola da rede pública de Pelotas.

**Palavras-chave:** ensino da arte contemporânea, educação infantil, experiência estética, lúdico.

## The teaching of Contemporary Visual Arts for children of pre-school

**Abstract:** This article presents a survey developed during the Master's degree in visual arts of the UFPel, wich deals with the teaching of Contemporary Visual Arts for children of pre-school, using the aesthetic experiences and the playful in the workshops given by the researcher in a class of pre-school in Pelotas' local educational system.

**Keywords:** Contemporary Art teaching, Early childhood education, Aesthetic Experience, Playful.

O Ensino de Artes Visuais, na pré-escola e nos anos iniciais da educação, apresenta certas características, que, mais negativas que positivas, repercutem nos educandos ao longo de sua formação, em seus textos publicados as autoras citadas a seguir confirmam este fato: Fayga Ostrower “Criatividade e processos de criação - 1989”, Susana Rangel Vieira da Cunha “Cenários da educação infantil - 2005”, Luciana Gruppelli Loponte “Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação - 2008” e Mirela Meira “Processualidade em aberto: arte e educação estética na pedagogia - 2012”. Algumas, tendo como base suas pesquisas, enquanto outras, suas experiências próprias como docentes em turmas de Pedagogia, afirmam que, ainda hoje existem em algumas turmas de pré-escola, professores que utilizam práticas como o desenho livre e a pintura de desenhos prontos como principais atividades de aula. As autoras também discutem como os estereótipos, quando trabalhados na pré-escola como única forma de

atividade, inviabilizam os processos criativos da criança e assim empobrecem sua imaginação, percepção, expressão individual, influenciando toda sua vida até a fase adulta, inibindo seus processos mentais e o desenvolvimento de suas potencialidades. Loponte (2008, p.113) afirma que esta realidade ainda é visível em certas escolas e cursos de formação em Pedagogia. Porém, com a inserção de disciplinas relacionadas à arte na grade curricular destes cursos, a consciência das futuras professoras de pré-escola já está se transformando, visto que passam a ter um contato mais aprofundado sobre a arte, auxiliando desta forma para o fim de preconceitos ou do senso comum, além de oferecer maior conhecimento com relação à arte contemporânea. Este fato já é de grande importância visto que este conhecimento adquirido pelas professoras poderá auxiliar na transformação do ensino de arte, e de arte contemporânea para a pré-escola, que atende crianças de 4 a 6 anos de idade, momento importante para a formação humana, sendo que é uma das primeiras formas de contato da criança com o mundo e onde ela começa a definir sua subjetividade, por meio dos conhecimentos e gostos adquiridos.

Isso considerado, este artigo, tem como base a pesquisa em andamento, desenvolvida no mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, e torna-se relevante, pois trata sobre o ensino de Artes Visuais Contemporâneas na pré-escola, buscando descobrir alternativas para a formação bancária, por meio de oficinas, que proporcionem experiências estéticas e lúdicas, a partir de objetos estéticos da arte contemporânea. A Estética, para além da cognição racional e sistematizável, permite uma conscientização sobre todo o universo que chega a nós por meio dos sentidos e da fruição especificamente associada à experiência estética, pois leva em conta a situação pessoal e histórica de cada um (Passeron, 1997, pág. 105). Sendo assim, a pesquisa buscou, num primeiro momento, registrar a experiência estética nesses anos iniciais, quando a imaginação ainda está em fase de formação, estando, portanto, livre aos estímulos externos, tendo como objetivo geral observar quais atividades relacionadas à Arte Contemporânea impactam as crianças e como objetivos específicos, reconhecer quais são e como se dão as produções de sentido das crianças quando estimuladas pela Arte Contemporânea, e compreender com que alternativas as crianças trabalham cognitivamente.

Para muitos estudiosos, como Canton (2009), a arte contemporânea é o período artístico que teve início em meados da década de 60, com movimentos artísticos como a *pop art*, dadaísmo, minimalismo que romperam com as temáticas geralmente trabalhadas pelos artistas modernistas, como por exemplo, a vida urbana, a burguesia e a classe

proletária, a revolução industrial, a representação do povo e do cotidiano urbano, tratando muitas vezes sobre temas próximos aos modernos, como o cotidiano, mas de uma forma mais crítica, não apenas como um observador da sociedade e da natureza, mas como um ser pertencente à sociedade. Passaram também a trabalhar com temas mais voltados para a arte e seu conceito, seu mercado e sistema, e, também por este motivo adotaram materiais e técnicas que pudessem melhor representar seus questionamentos, críticas e reflexões. Com isso os padrões da arte moderna foram extrapolados, exterminando com as formas de classificação de obra de arte até então adotadas, sendo que uma infinidade de técnicas, linguagens e materiais novos passaram a ser utilizados pelos artistas ao comporem suas obras. O desenho, a pintura, escultura e gravura deixaram de ser as únicas formas de expressão dos artistas, e foram mesclados à música, à dança, à fotografia, ao cinema, ao teatro, à literatura, entre outros. Os *ready mades* de Marcel Duchamp, são exemplos de como até mesmo objetos prontos, industrializados, passaram a não só compor as obras, mas “ser a obra”, essa transformação no cenário artístico provocou questionamentos sobre a representação artística, sobre o sistema da arte, e até mesmo sobre a definição do que pode ser considerado arte.

Segundo Canton (2009. p.49), a arte contemporânea toma forma a partir de uma negociação constante entre arte e vida, vida e arte. Afirma ainda que, o que potencializa esta arte são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano. Sendo assim, é válido afirmar que tanta variedade de formas, materiais, ideias e conceitos apresentados, proporcionam ao público experiências das mais variadas, sejam elas boas ou ruins, na arte contemporânea é praticamente impossível o público permanecer insensível ou inerte diante de uma obra. Desta forma a arte contemporânea, se configura como propulsora de experiências marcantes e significativas não só para jovens e adultos, mas para as crianças, principalmente por se tratar de uma forma de arte que trabalha intensamente com a dimensão sensível e corporal, juntamente com a memória, o imaginário, e o lúdico. Estas experiências de que trato, são aquelas capazes de proporcionar uma tomada de consciência e conseqüentemente a transformação do indivíduo sobre suas ideias e atitudes, trata-se do que chamamos de Experiência Estética, essencial para o ensino de artes visuais e para o desenvolvimento do interesse da pessoa pela arte.

Experiência Estética, de acordo com Walter Benjamin é toda experiência significativa o bastante para que seja narrada pelo homem. Para Benjamin (1994, pág. 198) esta experiência, que será tratada de Experiência Estética está diretamente ligada à

narração. Um bom exemplo disso é quando vivenciamos algo que nos faz pensar, quando algo nos toca, sempre buscamos narrar a experiência para algum amigo ou familiar. Larrosa (2006, pág. 87) afirma que a experiência tem diversas possibilidades no campo educativo, e que neste âmbito deve se tomar cuidado com a forma de utilizar tal conceito, pois muitas vezes a palavra experiência é utilizada sem consciência, muitas vezes ela é usada erroneamente como sinônimo de vivência. Larrosa afirma que a experiência é “isso que me passa” não o que simplesmente acontece, mas o que ocorre à pessoa como indivíduo. Dessa forma, a experiência supõe um acontecimento, e este acontecimento não depende da pessoa, nem da sua vontade, nem do seu querer ou do seu poder. Na escola, ao proporcionarmos experiências estéticas para as crianças, elas poderão tomar conhecimento, por meio da arte contemporânea, das particularidades da arte, das formas de expressão humana, dos materiais utilizados, sejam eles industriais ou naturais, assim como dos temas trabalhados em cada obra.

O criar, em Artes Visuais, quando ligado ao lúdico, atinge grandemente as necessidades da criança, pois criar, imaginar e brincar resume praticamente toda infância, “nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é se não o real. Criar é viver, para criança.” (Ostrower, 1989 p.127). O lúdico na educação se dá quando as atividades desenvolvidas em aula proporcionam prazer ao aluno, geralmente está ligado ao jogo e às brincadeiras. Certamente o lúdico é algo intrínseco na criança, ela vive no mundo de forma lúdica, por meio de sua imaginação, de jogos e brincadeiras, é assim que ela se expressa e é assim que aprende a se relacionar com as outras pessoas e com o ambiente. Benjamin (2002, pág.87) afirmava que o brincar também é uma forma de libertação para a criança, pois ela cria para si seu próprio mundo. Assim também funciona a arte, ainda mais quando relacionada ao lúdico, se torna uma forma de escape, de reflexão, de expressão e de criação do seu universo, pois extrapola a ação mecânica de simplesmente pintar um desenho pronto, a arte contemporânea abre um leque de possibilidades de ação e reflexão para a criança, torna seu crescimento completo, pois auxilia em seu desenvolvimento em diversos âmbitos, artístico, criativo, reflexivo, comunicativo, expressivo, motor, entre outros. A seguir apresento brevemente quatro (4), das oito (8) oficinas desenvolvidas durante a pesquisa, que foram aqui selecionadas por melhor representarem o objetivo da pesquisa.

As oficinas foram desenvolvidas em uma turma de pré-escola da rede municipal de Pelotas, cada uma delas teve um artista brasileiro contemporâneo como base para a

atividade prática proposta, sendo que a “quase réplica” de suas práticas proporcionou para as crianças uma vivência mais próxima da prática e da obra dos artistas. As oficinas possuem um tema central em comum, que é “o bicho”, sendo que esta figura está presente no cotidiano de praticamente todas as crianças, seja por meio do bicho de estimação, do bicho de pelúcia, do bicho de brinquedo ou do bicho “papão”. Em cada uma das atividades busquei relacionar esta figura com a prática dos artistas escolhidos como base.

A primeira oficina tem como base a série de esculturas, *Bichos*, da artista contemporânea brasileira Lygia Clark. Estas esculturas são feitas de metal e possuem dobradiças que permitem que o público entre em contato com a obra, modificando sua posição de acordo com sua vontade, trabalhando desta forma, com os sentidos e a participação do público, quase como coautores da obra. Na oficina as crianças deveriam criar o seu próprio bicho utilizando apenas a técnica de dobradura de uma folha de papel, desta forma elas foram instigadas a desenvolver sua criatividade e reflexão, além de ampliar sua percepção espacial ao terem que criar um objeto tridimensional. Foi possível perceber que algumas das crianças conseguiram formas bem próximas às presentes nas obras de Clark, e atingiram bem a forma tridimensional, como podemos perceber na Figura 1, abaixo. E, ainda, muitas delas brincaram com seus bichos ao final da oficina, fato que mostra que aquele objeto feito pelas crianças teve um sentido para elas, foi significativo.



**Figura 1.** Formas tridimensionais que lembram a figura de um bicho e remetem à obra de Lygia Clark.

A segunda oficina teve como base as obras da artista contemporânea, Lia Menna Barreto, que possui diversas obras cuja matéria prima são brinquedos, tendo como tema central a infância, suas relações na sociedade, e a afetividade. Lia desenvolveu diversos

trabalhos utilizando brinquedos plásticos unidos um a um, por meio do calor de um ferro de passar, construindo módulos. Nesta oficina as crianças receberam cada uma, um pacote de brinquedos repetidos, comumente utilizados em festas de aniversário, para uni-los foi utilizado barbante e cola quente. Cada peça foi colocada e unida de acordo com a vontade de cada um dos estudantes, a pesquisadora apenas aplicava a cola quente, sem interferir na ideia da criança. O resultado final de muitos trabalhos foi surpreendente, como podemos ver na figura 2, logo abaixo. Apesar de não conter a mesma precisão que a artista impõe em seus módulos, as crianças conseguiram resultados bem interessantes e ricos visualmente, as construções foram bem criativas e foi possível perceber que cada uma das crianças estava satisfeita com a atividade realizada.



**Figura 2.** Trabalho construído por um menino que observou atentamente a imagem da obra de Lia, conseguindo uma excelente organização dos elementos.

A terceira oficina que aqui apresento, teve como base a obra do artista contemporâneo Frans Krajcberg, que trata basicamente sobre a ação do homem na natureza, utilizando em suas obras materiais orgânicos, geralmente coletados na natureza, como por exemplo, árvores de queimadas. Frans produziu diversas esculturas, gravuras e fotografias. Esta oficina buscou ampliar a percepção sensível, visual e tátil, além da percepção tridimensional. A atividade consistiu em um passeio pelo pátio da escola, onde as crianças deveriam recolher materiais presentes neste ambiente para produzir uma composição tridimensional em sala de aula. Durante o passeio, as crianças foram instigadas a observar o ambiente cotidiano e reconhecer texturas por meio do tato e da

visão atenta. Foi possível perceber, pelo diálogo estabelecido, que muitas crianças observaram detalhes na escola, que não haviam percebido antes, e sentiram certo estranhamento ao tocarem nas cascas das arvores, na calçada, na terra e demais ambientes. Com relação ao trabalho tridimensional que eles deveriam elaborar, foi possível notar que algumas crianças ainda permaneceram utilizando o desenho, porém adicionaram folhas, pedras e elementos tridimensionais para os seus trabalhos. Outras utilizaram a folha de papel apenas como base para uma composição tridimensional. Apenas uma menina extrapolou estas questões ao criar um objeto realmente abstrato e tridimensional ao utilizar apenas os elementos coletados e um fio de barbante, como podemos observar na figura 3, abaixo.



**Figura 3.** O trabalho desta menina, apesar de simples, conseguiu atingir a abstração e tridimensionalidade.

A quarta oficina, teve como base a obra da artista contemporânea Lygia Pape, chamada *Divisor*, que segundo a artista (1998), é uma superfície branca de 20 x 30 m, com diversas fendas onde as pessoas encaixam suas cabeças, tornando a obra em um trabalho coletivo e público, passível de repetição a qualquer momento. Ao vestirem o *Divisor*, as pessoas fazem uma caminhada, trabalhando com a ação do coletivo, trata-se de uma performance. Na oficina a ação foi praticamente a mesma, sendo que o divisor utilizado foi bem mais simples e menor que o original, como podemos ver na figura 4 abaixo. Porém o objetivo da ação foi o mesmo, auxiliar no desenvolvimento de um

pensamento coletivo e instigar a percepção de cada uma das crianças ao vestirem uma mesma “roupa”, o interessante foi que as próprias crianças relacionaram a obra da artista e a experiência com a centopeia, fortalecendo a questão da coletividade.



**Figura 4.** As crianças se preparando para andar pela escola com seu divisor.

Com relação às oficinas acredito que elas atingiram os objetivos aos quais a pesquisa se propôs, sendo que não é possível medir os resultados relacionados ao desenvolvimento expressivo e cognitivo das crianças ou à valorização da arte, pois seria algo que só no futuro se poderia vir a identificar, caso eu tivesse a oportunidade de reencontrar estas crianças e investigar se elas possuem alguma lembrança das oficinas e se houve alguma repercussão em suas vidas. O que posso considerar no momento é que todos aqueles que participaram das oficinas tiveram algum contato e certa experiência com a Arte Contemporânea. Isso poderá auxiliar na relação destas crianças com a arte, incorporando em suas vidas os saberes que só a arte proporciona. O ideal é que elas permaneçam tendo este tipo de atividades e educação estética desde a pré-escola até o fim de seu ensino fundamental e médio, para que a arte possa realmente fazer parte de sua vida e ser valorizada por eles.

Cabe lembrar que esta pesquisa não visa ensinar exatamente o conteúdo e conceitos de artes para as crianças, nem mesmo fazer com que abrupta e magicamente, a criança passe a se envolver pela arte. Busco proporcionar um alargamento em seu conhecimento visual, o prazer da experiência e o pensamento poético próprio da arte contemporânea, para elas possam reconhecer as imagens de arte vistas nas oficinas e



quem sabe até, em um momento futuro, tenham seu interesse pela arte despertado ou ampliado.

A Arte é o objeto resultante da expressão da subjetividade humana; um produto cuja fruição depende não apenas de uma mera recepção sensorial, mas de uma afinada percepção, cognitivo-sensível, que deve ser estimulada e desenvolvida. Desta forma, ensinar a contemporaneidade da arte, desde a infância, é legitimar esta como algo vivo e pulsante em nosso cotidiano, e se faz necessária para a educação estética e para a ampliação dos modos de conhecer, aprender, refletir, sentir e expressar.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. Lei nº9394/96. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Setembro de 1996. Editora do Brasil.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. vol. 3.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança o brinquedo e a educação**. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. 34ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANTON, Katia. **Espelho de Artista [autoretrato]**. Coleção Mundo de Artista. 3ª Ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. **Beijo de Artista**. Coleção Mundo de Artista. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

\_\_\_\_\_. **Bicho de Artista**. Coleção Mundo de Artista. São Paulo: Cosac Naify, 2004

\_\_\_\_\_. **Mesa de Artista [natureza morta]**. Coleção Mundo de Artista. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. **Do moderno ao contemporâneo**. Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea – uma introdução**. Tradução Rejane Janowitz. 1ª Ed. São Paulo: Martins, 2005.

COLA, César Pereira. **Ensaio sobre o desenho infantil**. 2ª Ed. Vitória: Edufes, 2006.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cenários da educação infantil. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 30, v. 2, p. 165-185, jul./dez. 2005.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é Beleza**. Coleção: Primeiros Passos, nº 137. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1986.

LARROSA, J. Sobre la experiencia. **Aloma: Revista de Psicologia, Ciències de L'Educació i de L'Esport**, Blanquerna. n.19, 2006. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Aloma/article/viewFile/103367/154553>. Acesso em: 20 de novembro 2012.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/10.pdf>. Acesso em: 14 de julho 2013.

MEIRA, Mirela. ZAMPERETTI, Maristani P. Processualidade em aberto: arte e educação estética na pedagogia. In: MEIRA, Mirela. SILVA, Úrsula R. (Orgs.). **Ensino da Arte: Cultura Visual, Escola e Cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2012. p. 80-87.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1989.

PASSERON, R. Da Estética à Poiética. **Revista Porto Arte**. Porto Alegre, v.8, n.15, p.103-116, nov. 1997. Online.

Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27744/16346>>.

Acesso em: 10 julho de 2012

PAPE, Lygia. *Lygia Pape*. Entrevista Lúcia Carneiro, Ileana Pradilla. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 21-22, 44-46, 53 e 74-75 (Palavra do artista). Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=artistas\\_depoimentos&cd\\_verbete=915&cd\\_item=16&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_depoimentos&cd_verbete=915&cd_item=16&cd_idioma=28555). Acesso em: 09 de julho 2013.

SANT'ANNA, Renata. PRATES, Valquíria. **Lygia Clark: linhas vivas**. Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Frans Krajcberg: A obra que não queremos ver**. Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Gigante com flores: Leonilson**. Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **O olho e o lugar: Regina Silveira**. Coleção Arte à Primeira Vista. São Paulo: Paulinas, 2009.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista: Fundamentos para o Ensino das artes plásticas**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.